

# A CONSCIÊNCIA DUAL E O SUJEITO NEGRO EM UMA SOCIEDADE RACISTA: MUITO OBSERVADO, MUITO OBSERVADOR

**EDUARDO PRACHEDES QUEIROZ\***

Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 20 set. 2025. Aceito em: 15 out. 2025.

Como citar este artigo: QUEIROZ, E. P. A consciência dual e o sujeito negro em uma sociedade racista: muito observado, muito observador. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 3, p. 79-95, set./dez. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n3p79-95

## Resumo

Comprometido com a semiótica implicada de Schwartzmann e Silva (2022), o presente artigo insere-se no contexto dos debates acerca do racismo e de seus efeitos sobre o sujeito negro, debruçando-se sobre a problemática da consciência dual para discutir algumas das características da experiência negra em uma sociedade racista, como a gestão que o sujeito negro precisa fazer dos diferentes simulacros gerados a seu respeito. Para as reflexões, partimos da semiótica discursiva e buscamos o diálogo entre as ideias de Du Bois (2021), Fanon (2020) e Aldama (2023).

---

\* E-mail: pprachedes@gmail.com  
 <https://orcid.org/0000-0001-9699-1512>

## Palavras-chave

Racismo. Observador. Negro.

## INTRODUÇÃO

Comprometido com uma semiótica implicada (Schwartzmann; Silva, 2022), o presente trabalho tem o intuito de traçar reflexões que contribuam para as discussões e melhores compreensões sobre o racismo e seus efeitos sobre o sujeito negro. Nesse contexto, seu objetivo é o de mostrar quais são algumas das características do racismo e suas implicações para a experiência negra em sociedades racistas, além de fornecer explicações possíveis para a capacidade que o sujeito negro parece ter para compreender e/ou calcular as imagens que uma sociedade racista faz ou pode fazer dele. Visa, ademais, discutir as dificuldades que advêm da necessidade, experienciada por esse sujeito negro, de ser certo nesses cálculos e compreensões.

Assim, busca-se cumprir aqui uma função dupla – social e acadêmica – no sentido de tanto (i) contribuir para as discussões acerca do racismo, as quais, por sua vez, servem de base para mudanças efetivas na sociedade – sobretudo, mas não exclusivamente, por meio da conscientização – quanto (ii) proporcionar caminhos metodológicos para análises e reflexões semioticamente enformadas a respeito não apenas da experiência negra, mas também de outros grupos minorizados.

Para o desenvolvimento das reflexões que traçaremos mais adiante, lançamos mão do ferramental da semiótica discursiva, em especial no que diz respeito aos conceitos de simulacro e às relações entre destinador-manipulador/julgador e destinatário-sujeito, bem como aos modos de presença semiótica. Este trabalho faz o esforço, ainda, de proporcionar diálogos com diferentes áreas do conhecimento, uma vez que servem de base para nossas reflexões as ideias aportadas tanto pelo semioticista Juan Alonso Aldama (2023), como pelo sociólogo W. E. B. Du Bois (2021) e pelo psicanalista Frantz Fanon (2020).

Além desta breve introdução e das considerações finais, o artigo está dividido em quatro partes. Reservamos a primeira delas à conceituação de consciência dual, central para a discussão que faremos ao longo deste texto. No tópico seguinte, discorreremos sobre a generalidade da dinâmica racial e da

experiência negra em sociedades racistas. Em seguida, recuperando o conceito de consciência dual, passamos a tratar das estratégias movidas pelo sujeito negro para sobreviver em tais sociedades. Por fim, no quarto tópico, valendo-nos das reflexões de Aldama (2023) sobre o espião, traçamos comparações entre as experiências do sujeito negro em sociedades racistas e do espião em terras estrangeiras.

## PRIMEIROS PASSOS: SOBRE A CONSCIÊNCIA DUAL

Em *As almas do povo negro* (2021, p. 23), W.E.B. Du Bois declara: “É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena”. Essas palavras do sociólogo estadunidense, publicadas pela primeira vez em 1903, trazem reflexões interessantes a respeito da consciência que teriam as pessoas negras: não a partir do próprio ponto de vista – ou seja, a partir do ponto de vista proveniente do grupo étnico de que fazem parte –, mas, sobretudo, a partir do ponto de vista de um grupo que desprezaria esse sujeito negro, notadamente o grupo étnico composto pela branquitude e, no caso de que fala Du Bois, da branquitude estadunidense.

Embora Du Bois relate esse caráter dual da consciência, ele o faz de maneira a colocar o acento sobre a “experiência de **sempre** enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros” (Du Bois, 2021, p. 23, grifo nosso). Isso porque, para o autor, ser um sujeito negro nos Estados Unidos é viver em “um mundo que **não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo** e que lhe permite ver a si mesmo **apenas** através da revelação do outro mundo” (Du Bois, 2021, p. 23, grifos nossos). Entretanto, o próprio uso do termo *consciência dual* sugere que se leve em consideração *duas* variantes da consciência. Se a primeira parte dessa consciência diz respeito ao olhar que o outro tem sobre o sujeito negro, a segunda parte da consciência dual corresponde ao olhar intra-grupo, ao olhar do *um* sobre o *um*, ou, para dizer de outro modo, da consciência negra no seio da negritude. Essa ideia está muito bem expressada, primeiramente em 1952, quando Fanon (2020, p. 31) diz que “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco”. O que Fanon chama de duas dimensões, Du Bois chama de consciência dual.

A importância da dualidade na percepção que o sujeito negro tem de si próprio também está marcada nas palavras que Du Bois profere pouco depois da citação que abre este tópico:

O indivíduo sente sua dualidade – é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio (Du Bois, 2021, p. 23).

É no mínimo curioso que Du Bois (2021, p. 23) descreva o sujeito negro como um *indivíduo* que sente sua *dualidade*. Ora, *indivíduo* seria justamente aquilo ou aquele “que não se divide”, de acordo com a primeira acepção do verbete *indivíduo* no Dicionário Caldas Aulete em sua versão *on-line*. O paradoxo que se nota nessa caracterização traduz bem as tensões vividas por um sujeito negro em uma sociedade racista: acontece que, para parafrasear outro pensador negro estadunidense<sup>1</sup>, ser negro numa sociedade racista e ser relativamente consciente não só das imagens que representa para o outro, mas também das imagens que representa para si próprio, é viver quase o tempo todo em um estado de alerta a dois sistemas de valores distintos.

Na esteira do que afirma Du Bois (2021) sobre a consciência dual e sobre o que declara Fanon (2020) a respeito das duas dimensões, diríamos, em termos semióticos, que o sujeito negro é treinado desde cedo para ter consciência tanto do *simulacro* que faz de si próprio como do *simulacro* que faz o sujeito branco a respeito do sujeito negro. Aqui, vale lembrarmos que o conceito de simulacro

é utilizado, na semiótica narrativa e discursiva, para designar o tipo de figuras, com componente modal e temático, com a ajuda das quais os actantes da enunciação se deixam mutuamente apreender, uma vez projetados no âmbito do discurso enunciado. Do ponto de vista do seu conteúdo, essas figuras podem ser consideradas como representativas das competências respectivas que os actantes da comunicação atribuem reciprocamente uns aos outros. Por isso, a construção de tais simulacros intervém, na dimensão cognitiva, como

<sup>1</sup> Em *The Negro in American Culture* (1961), James Baldwin disse “Ser negro neste país e ser relativamente consciente é estar em um estado de raiva quase o tempo todo”, tradução nossa a partir do original em inglês: “*To be a Negro in this country and to be relatively conscious is to be in a state of rage almost all the time*”.

um pré-requisito necessário a qualquer programa de manipulação intersubjetiva<sup>2</sup> (Landowski, 1986, p. 206).

Como notamos na parte final desse trecho retirado do segundo volume do *Dicionário de semiótica* (1986), não se pode ignorar a importância que os simulacros têm nas relações intersubjetivas, isto é, nas comunicações entre sujeitos. Para refinar essa definição de consciência dual, podemos dizer que a consciência dual, no que tange ao sujeito negro, guarda relação com a capacidade de compreender os simulacros que fazem de si tanto em relações intersubjetivas intragrupo como intergrupos.

Dito de outra maneira, a consciência dual do sujeito negro diria respeito à capacidade de reconhecer o simulacro feito a partir das ideias da negritude e o simulacro feito a partir das ideias da branquitude. Ao tratar da experiência negra em uma sociedade racista, neste trabalho, é de nosso interesse nos ocupar, sobretudo, com a capacidade do sujeito negro de lidar com o último dos casos: o dos simulacros construídos a partir das ideias da branquitude.

## **SOBRE A GENERALIDADE DA EXPERIÊNCIA NEGRA EM SOCIEDADES RACISTAS**

Embora tenham sido feitas em outro espaço geográfico e em outro tempo cronológico – e não obstante partirem de uma crença difundida no início do século XX em diante de que no Brasil as relações raciais seriam harmônicas<sup>3</sup> –, as afirmações de Du Bois a respeito da consciência dual também podem ser reconhecidas no Brasil, tanto no século XX como nos dias atuais. Aliás, conquanto não seja universal e tenha importantes particularidades, a experiência negra apresenta semelhanças não apenas em nosso país e nos Estados Unidos, mas em diversos lugares do mundo, notadamente naqueles em que a colonização

- 
- 2 Tradução nossa a partir do original em francês: “*on emploie le terme de simulacre, en sémiotique narrative et discursive, pour désigner le type de figures, à composante modale et thématique, à l’aide desquelles les actants de l’énonciation se laissent mutuellement appréhender, une fois projetés dans le cadre du discours énoncé. Du point de vue de leur contenu, ces figures peuvent être considérées comme représentatives des compétences respectives que s’attribuent réciproquement les actants de la communication. De ce fait, la construction de tels simulacres intervient, sur la dimension cognitive, comme un préalable nécessaire à tout programme de manipulation intersubjective*”.
- 3 Essas ideias foram difundidas sobretudo a partir de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (2006), publicado originalmente em 1933, e ficaram conhecidas como o *mito da democracia racial*.

impôs uma convivência racializada e hierarquizada. Não é à toa que encontramos pensamentos convergentes com essa ideia de Du Bois em outras partes do mundo, como na Martinica, a partir das ideias de Fanon, já comentadas por nós, sobre as duas dimensões do sujeito negro.

As aproximações entre as experiências negras no Brasil, nos Estados Unidos e em outros territórios que comportam diásporas africanas têm relação direta com o processo de inferiorização da raça negra em detrimento da raça branca. Tal inferiorização tem por corolário o enlevamento da raça branca, o que – não sempre, mas *frequentemente* – resulta na busca, por parte do sujeito negro, de aproximar-se o máximo possível do ideal branco, de uma forma de vida da branquitude.

Nessa altura, um adendo se faz necessário: a ideia de que o sujeito negro busca, em muitos casos, aproximar-se de uma forma de vida da branquitude não pode ser usada contra ele, nem o culpando pelo fardo que é obrigado a carregar. Em vez disso, o mais apropriado é acompanharmos as reflexões de Fanon acerca de um paciente negro que o visita em seu consultório:

Se ele se encontra a tal ponto imerso no desejo de ser branco, é porque vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, uma sociedade que extrai sua consistência da preservação desse complexo, uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça (Fanon, 2020, p. 114).

Exemplo atual de como a sociedade possibilita o complexo de inferioridade de uma raça e o de superioridade de outra pode ser encontrado nas reflexões de Leticia Moraes (2024) sobre o racismo algorítmico. Ao examinar resultados de pesquisas no banco de imagens da *Shutterstock*, a semioticista mostra que, embora haja nele imagens de pessoas médicas negras, uma busca usando o lexema “médico” retorna imagens cujas unidades semânticas ignoram traços da negritude e formam exclusivamente uma isotopia da branquitude: /pele clara/, /cabelo liso/, /nariz fino/ etc. Ou seja, aparecem somente pessoas com fenótipos brancos usando jalecos, o que pode reforçar os estereótipos raciais que atrelam a branquitude a papéis temáticos e sociais de prestígio, de superioridade.

Esse cenário reforça as hierarquizações raciais e constitui mais um exemplo de como, ainda que não seja de maneira alguma única, a experiência negra de que tratamos neste trabalho pode encontrar convergências ao redor do mundo – inclusive na porção digital desse mundo –, e notadamente após o

evento da escravização em massa dos povos africanos. Talvez possamos indicar justamente esse evento como o responsável por impor uma acuidade negra para lidar integralmente com dois simulacros, pois, a partir dele, o sujeito negro passou a viver dois mundos diferentes.

Nesse sentido, Fanon (2020, p. 125) aponta que “[o]s negros, de um dia para o outro, passaram a ter dois sistemas de referência em relação aos quais era preciso se situar”. Vivendo entre dois sistemas de valores e precisando estar sempre atentos às diversas significações de seus corpos, a depender de onde estão presentes, os sujeitos negros desenvolveram a capacidade de observar o seu observador. Nesse ponto, percebe-se, com nitidez, que estamos lidando com o plano de pertinência semiótica que corresponde às estratégias: o que faz o sujeito negro é uma gestão estratégica das práticas com base nos dois sistemas de valores de que “participa”. Vejamos isso de maneira mais detida.

## CONSCIÊNCIA DUAL E ESTRATÉGIAS DO SUJEITO NEGRO: O OBSERVADO OBSERVADOR

Ciente de que seu corpo, em um universo racista, é interpretado como uma figura que condensa práticas socialmente disforizadas, o sujeito negro sabe, com bastante frequência, qual é o caminho que deve seguir para *estrategicamente* ter mais chances de dirimir ou amenizar os *efeitos pragmáticos* do racismo. Nesse sentido, ocupa tanto o papel de sujeito observador como o de objeto observado. Algo parecido com o espião em terras estrangeiras, conforme o caracteriza Juan Alonso Aldama (2023, p. 141, tradução nossa) ao dizer que o espião é um: “[...] observado que deve ser absolutamente o observador de seus próprios observadores”<sup>4</sup>. Ora, sem essa observação de quem o observa, fica muito comprometida a capacidade do sujeito de criar estratégias de sobrevivência em um mundo que lhe é hostil – o que vale de maneira especial, mas não exclusiva, tanto para o sujeito negro quanto para o espião.

Duas observações precisam ser feitas a esta altura. Em primeiro lugar, note-se que o esforço do sujeito negro é o de *dirimir* ou *amenizar* os efeitos *pragmáticos* do racismo; isso porque o fato de esse sujeito tratar de criar estratégias para lidar com tais efeitos já é um efeito do racismo em si, ainda que de

4 Do original: “*Surveillé qui doit absolument être le surveillant de ses propres surveillants*”.

ordem mais cognitiva do que pragmática. Esse caráter inescapável do sofrimento negro em uma sociedade racista, embora possa parecer um fatalismo, põe de manifesto a essência social do racismo e a impossibilidade de superá-lo individualmente, ao mesmo tempo que revela a necessidade de mobilização conjunta para a sua efetiva suplantação.

Em segundo lugar, vale marcar que ser um observador de quem te observa não é uma característica exclusiva dos espões nem dos sujeitos negros. Em certa medida, todas as pessoas observam seus observadores e buscam estar cientes do simulacro que representam para o outro, além de fazerem simulacros de si próprias. A diferença aqui está no fato de essa característica não ser de ordem individual e subjetiva, mas, antes, com base em classificações gerais – compreendendo, em um caso, a classe dos espões, e, no outro, a das pessoas negras.

Assim, ao observar seu observador, uma pessoa negra o faz não apenas enquanto indivíduo, mas também enquanto sujeito participante da classe racial negra. Além disso, o grau de afetação derivado dessa situação costuma ser alto para essas duas “classes”. Nos casos do espião em terras estrangeiras e do sujeito negro em uma sociedade racista, esse grau de afetação advém da *hostilidade do mundo para com a classe a que pertence o sujeito*. Embora as situações do sujeito negro e do espião sejam obviamente diferentes, trazem características similares, pois, em ambos os casos, vive-se em território inimigo.

Com isso em mente, arriscamos dizer que aquilo que pontuamos a respeito da experiência negra numa sociedade estruturalmente racista poderia ser dito a respeito da experiência do sujeito mulher em uma sociedade estruturalmente misógina ou do sujeito pessoa trans em uma sociedade estruturalmente transfóbica, não obstante as particularidades de cada um dos casos e guardadas as devidas proporções.

Devido à “natureza da situação” – ou seja, a vivência em uma sociedade que lhe é hostil –, é comum que pessoas negras se sintam coagidas a antecipar situações ainda não ocorridas, pois não o fazer pode resultar em sanções cognitivas e pragmáticas que podem chegar a diferentes níveis de gravidade. Em uma situação dentro de um supermercado, por exemplo, o sujeito negro, desde cedo treinado pela sociedade para saber quais atitudes parecem suspeitas, pode buscar evitá-las a todo custo para não passar pelo constrangimento de ser seguido por seguranças nos corredores do estabelecimento, ou pelo constrangimento de ser abordado para que sua bolsa, seus bolsos etc. passem por revistas, ou, ainda, de que seja interpelado com acusações de roubo, como vemos em uma matéria do jornal *El País* em que se lê:



Cauã era apenas um bebê quando seu tio Robson deu uma passada no supermercado, na frente do seu trabalho, para aproveitar a oferta de um litro de leite a um real. Comprou duas caixas, ajeitou o avental da lanchonete onde trabalhava e atravessou a rua para voltar à cozinha. Mas os gritos que se ouviram às suas costas o detiveram. Entre a gritaria, três palavras se repetiram: “negrinho”, “ladrão” e “safado”.

Duas funcionárias seguraram Robson pelo braço e o acusaram de roubar o leite. Ele mostrou o comprovante de compra e elas se desculparam. Mas a supervisora do estabelecimento, uma loja da rede Walmart, em Carapicuíba, na Grande São Paulo, colocou a cereja do bolo nesse tumulto: “Desculpa, te confundimos com um outro negrinho ladrão” (Martín, 2014).

Além disso, saber qual é o simulacro que a sociedade faz de si é um pré-requisito para que esse sujeito trace estratégias para escapar de sanções ainda mais graves, que podem chegar a encarceramento, violência física<sup>5</sup> ou mesmo a sua morte. Essas estratégias podem passar por coisas simples como não se desfazer da nota fiscal de uma compra, como vimos na já citada matéria do *El País*. Ao buscar antecipar e evitar essas ocorrências, o sujeito negro está trabalhando não apenas com o que já está realizado, mas também com o que está virtualizado ou potencializado; isto é, o sujeito negro trabalha com a *suspeita* para evitar o escalonamento da consumação da violência racial – pois, em consonância com o que já dissemos a respeito das sanções cognitivas, é preciso considerar essa necessidade de “alerta constante” já como uma ocorrência da violência racial.

Dissemos que há uma necessidade de atentar-se não somente ao modo de presença realizado, mas também – e sobretudo – aos modos de presença virtualizado e potencializado. Assim, vale a pena explicar, ainda que em linhas bastante gerais, esse jargão que faz parte da metalinguagem semiótica.

Os valores *virtualizados* dizem respeito a tudo aquilo que está previsto no sistema como uma possibilidade; se os valores *virtualizados* são da ordem do sistema, os *realizados* dizem respeito ao processo, sendo os elementos efetivamente acionados e realizados, como o nome sugere. Depois da realização, esses valores voltam para o sistema *potencializados*, ou seja, “como uma memória de um uso possível” (Coutinho; Mancini, 2020, p. 21). Tanto os

5 A respeito disso, conferir matérias como a da CNN Brasil: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/jovens-negros-sao-agredidos-em-mercado-da-rede-carrefour-em-salvador-veja-video/>. Acesso em: 15 set. 2025.

valores potencializados como os virtualizados referem-se, portanto, a elementos que não estão (ainda ou já) realizados, mas que podem ser colocados em uso a qualquer momento. É por isso que o sujeito negro em uma sociedade racista vive em alerta constante: sente que deve estar atento a todo e qualquer sinal de que certos valores sejam realizados.

O discurso sobre essa necessidade de alerta em tempo integral é comum dentro da comunidade negra. As pessoas pertencentes a ela sabem que, estando em sociedades racistas, seus corpos comunicam certas práticas disforizadas e são mais passíveis de sofrer com certas práticas sancionadoras de terceiros. Dessa forma, a comunidade negra está ciente de que, por exemplo e de maneira geral, a seus membros, não só não é aplicado o princípio jurídico da presunção de inocência, como o exato oposto é colocado em prática, na medida em que parece existir uma espécie de presunção de culpa para tais sujeitos. Estar ciente sobre isso implica saber que portar provas de sua inocência será uma estratégia – cujo uso pode ser necessário a qualquer momento – de mitigação dos resultados cognitivos e pragmáticos do racismo.

A materialização de tal discurso pode ser encontrada nos relatos de pessoas negras, nas falas de pais e mães que recomendam que seus filhos sempre peguem os recibos de suas compras nos supermercados ou que andem sempre com documentos de identificação. Esse último exemplo está bem ilustrado no poema de Bell Puã chamado “Prelúdio para Iluminar o Rolê”, de que reproduzimos alguns versos: “**Por ter cor da noite/ O véu do suspeito/ Meu peito acende intranquilo/ Será que é acusado, perseguido/ Não esquece a identidade/ No bolso e nos cabelos**” (Puã, 2020, faixa 6, grifos nossos).

Essa necessidade constante de buscar os signos – sejam realizados, potencializados, virtualizados – pode ser um dos elementos que justificam a aproximação que Fanon (2020) faz entre a experiência do negro antilhano – mas que pode ser pensada também para o negro que vive no Brasil – e a neurose. Tratar da situação como uma neurose não significa dizer que tudo surge da cabeça criativa do sujeito negro. Em lugar disso, é preciso encarar essa neurose como resultante de uma sociedade que insiste em lhe apresentar hostilidade, pois, ainda de acordo com Fanon (2020, p. 114), “é na exata medida em que essa sociedade lhe cria dificuldades que ele [o sujeito negro] se vê colocado numa situação neurótica”.

Como veremos mais adiante, a experiência de uma pessoa negra numa sociedade racista é cruel, dentre outros motivos, justamente por cobrar

primorosa e impecável coerência de uma pessoa que vive em tal campo de agonia, de “excesso de signos”. Para melhor compreendê-lo, podemos passar a uma comparação entre certos elementos da experiência do sujeito negro em uma sociedade racista com os do espião que vive em terras estrangeiras.

## O SUJEITO NEGRO EM SOCIEDADES RACISTAS E O ESPIÃO EM TERRAS ESTRANGEIRAS: COMPARAÇÕES

Ainda que haja muitas particularidades derivadas das experiências de cada um dos grupos, notam-se similaridades entre a experiência negra numa sociedade racista e aquilo de que fala Juan Alonso Aldama (2023) a respeito da experiência do espião em terras estrangeiras. Enquanto, de acordo com Aldama, o espião corre o risco, por conta de uma paranoia, de acolher demasiadamente sinais a serem interpretados, o sujeito negro, conforme discutimos, tem motivos de sobra para desenvolver uma neurose. De ambos, exige-se a mais perfeita sanidade, no sentido de que precisam ser extremamente competentes para apontar quais são os signos realmente relevantes e quais são aqueles que devem ser ignorados na composição do mundo enquanto objeto significante. É o que percebemos a partir do trecho a seguir, também escrito pelo semioticista:

O espião, que pode ser levado, por uma espécie de paranoia, a proliferar sem limites os sinais a serem interpretados, terá que domar esse risco precisamente com a ajuda de um método, aquele que ele aprendeu em seu treinamento como agente, que lhe permite detectar o que é potencialmente significativo, o que é virtualmente significativo e o que não o é<sup>6</sup> (Aldama, 2023, p. 145, tradução nossa).

A exemplo do espião, o sujeito negro também precisa aprender, em seu “treinamento”, como detectar o que é potencial e/ou virtualmente significativo, bem como o que não o é. Esse esforço constante para identificar situações arriscadas sem incorrer em “exageros” ou “vícios” interpretativos demanda uma atenção que, fosse o mundo menos hostil, poderia ser direcionada a outros

6 Texto original em francês: “L’espion, qu’une sorte de paranoïa pourrait pousser à faire proliférer sans limite les signes à interpréter, devra dompter ce risque grâce précisément à une méthode, celle qu’il a apprise dans sa formation comme agent, lui permettant de déceler ce qui est potentiellement signifiant, ce qui l’est virtuellement et ce qui ne l’est pas”.

campos. A necessidade de estar sempre atento aos sinais (potencializados, virtualizados ou realizados) exige do sujeito negro uma energia preciosa, e pode resultar no que pesquisadores como Smith, Hung e Franklin (2011) chamam de fadiga da batalha racial. De acordo com esses pesquisadores,

[a] fadiga da batalha racial considera a tensão fisiológica, psicológica e comportamental imposta aos grupos racialmente marginalizados e estigmatizados. Essas tensões **excessivas** exigem **energia adicional** redirecionada de desejos mais positivos e gratificantes da vida para lidar com o racismo cotidiano e lutar contra ele<sup>7</sup> (Smith; Hung; Franklin, 2011, p. 66-67, grifos nossos, tradução nossa).

Restaria saber qual é o peso da carga que tal fadiga representa para o sujeito negro, quais feitos e quais níveis de qualidade de vida poderiam ser alcançados por um sujeito negro que não precisasse se preocupar com o racismo. Embora a resposta para tais questionamentos fique no campo da conjectura, vale lembrar as palavras de Du Bois (2021, p. 24), para quem

A dupla luta do artesão negro – de um lado para escapar do desprezo dos brancos por uma nação de meros rachadores de lenha e carregadores de água, e de outro para arar e pregar e cavar para uma horda relegada à pobreza — só poderia ter como resultado transformá-lo em um mau trabalhador, pois só é capaz de dedicar metade de seu coração a cada causa.

Assim, o que poderia parecer um simples trunfo – um poder-fazer, uma capacidade acima da média de compreender e antecipar os simulacros criados por outros – representa, em verdade, uma obrigação, um dever-fazer, uma carga extra que dificulta a concentração em outros projetos. Essa carga, como dissemos, não pode ser facilmente medida. Fiquemos, por ora, com o que temos de mais difícil de contestar: ao sujeito negro, como ao espião, exige-se eficiência nas triagens de signos interpretativos.

A mínima ineficiência nessas triagens, seja por falta de saber e/ou de poder para levá-las a cabo, ou devido a um querer não as levar a cabo de acordo com os parâmetros impostos, pode resultar em diferentes “penas” impostas por um poderoso destinador-julgador transcendente. Essas “ineficiências” podem se

<sup>7</sup> Texto original em inglês: “*racial battle fatigue considers the physiological, psychological, and behavioral strain exacted upon racially marginalized and stigmatized groups. These excessive strains require additional energy redirected from more positive life fulfilling desires for coping with and fighting against mundane racism*”.

dar tanto por (i) uma suposta falta de interpretação de signos, como nos casos em que o sujeito negro “deixa passar” um signo que seria relevante para a interpretação de uma situação; como por (ii) um suposto excesso de interpretação de signos, como nos casos em que o sujeito negro “exagera” ao levar em conta signos demais; ou até mesmo por (iii) uma indecisão a respeito de quais signos levar em consideração ou não.

Nos primeiros dois motivos mencionados acima (faltas e excessos nas interpretações), o mais comum é que esse sujeito negro sofra com sanções que podem ser de ordem mais cognitiva ou mais pragmática. No campo da sanção pragmática estão as violências físicas em cujo paroxismo está a morte biológica. É o que percebemos nos casos em que pessoas negras são agredidas ou assassinadas por policiais ou por seguranças de supermercados ao serem consideradas infratoras<sup>8</sup>. As sanções de natureza cognitiva minam a existência social do sujeito negro e podem culminar em sua *morte social*; nessas sanções de ordem cognitiva está incluída a descredibilização desse sujeito e dos apontamentos que venha a fazer a respeito de situações racistas pelas quais tenha passado, esteja passando ou que venha a experienciar no futuro.

Nos casos em que se nota o terceiro motivo para as “ineficiências”, ou seja, aqueles em que há indecisão quanto a levar ou não em conta certos signos interpretativos, também podem ocorrer sanções pragmáticas e/ou cognitivas impostas pelo destinador-julgador. O que há de diferente, nesse caso, é a possibilidade de um congelamento sentido pelo sujeito, e que parece advir de conflitos modais de diferentes características, a saber: (i) quer e/ou deve interpretar os signos, mas não sabe como fazê-lo; (ii) deve, mas quer não interpretar esses signos; e (iii) quer, mas deve não os interpretar.

De todo modo, esse congelamento e essa sensação de incapacidade de agir são comumente fomentados por uma espécie de soterramento que esse sujeito sofre com a miríade de signos interpretativos que ele considera potencialmente relevantes. Portanto, a triagem aparece, mais uma vez, como elemento de fundamental importância para a sobrevivência desse sujeito. Em uma gestão estratégica das práticas implicadas no processo de triagem, até mesmo alguns dos signos *provavelmente relevantes* precisam ser deixados de lado de modo a evitar o congelamento. Algo similar é dito por Juan Alonso Aldama (2023) ainda a respeito do espião:

8 Exemplo sórdido disso é o caso relatado em notícia veiculada pelo G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2025.

[...] por razões de “economia semiótica”, o espião não pode levar em consideração todos os elementos que provavelmente serão importantes, pois isso arriscaria a imobilidade e a inação. Ele precisa decidir o que merece sua atenção e o que deve ser deixado de lado<sup>9</sup> (Aldama, 2023, p. 146).

Sem essa economia semiótica de que fala Aldama, o mundo é para o sujeito uma eterna perturbação, é demasiadamente significativa. Além disso, o seu campo de presença constantemente povoado por elementos significantes faz com que o sujeito corra até mesmo o risco de não notar os sinais mais urgentes e ameaçadores. O equilíbrio perfeito e a boa gestão estratégica das práticas interpretativas parecem impor-se e representam mais um dever-fazer ao sujeito já sobrecarregado.

Nesse sentido, ainda vale dizer que, em uma sociedade racista, o sujeito negro pode ser levado a acreditar que a não ocorrência da violência racial depende apenas de sua boa gestão estratégica, o que inclui o reconhecimento dos simulacros feitos por outros sujeitos e a triagem dos signos potencialmente relevantes. Entretanto, a adoção de uma estratégia, não obstante a observação realizada e o esforço empreendido, nem sempre é eficaz, pois o jogo de forças nas relações sociorraciais é uma parte importante da equação e, por vezes, o /poder/ e o /querer/ de outros sujeitos (ou antissujeitos) implicados nas práticas podem suplantar o /poder/ e o /querer/ de sujeitos negros.

Isso não deveria surpreender: considerando que uma sociedade racista tem como uma de suas premissas a assimetria de poderes – e, no fim das contas, nas tensões entre programas e contraprogramas –, quem *faz* é o sujeito que *pode mais*. Além disso, não se deve perder de vista que as sanções racistas incidem não apenas sobre o *fazer*, mas também – e principalmente – sobre o *ser* de um sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, discutimos a noção de consciência dual (Du Bois, 2021), buscando esclarecê-la à luz das ideias de pensadores como Fanon (2020)

<sup>9</sup> Texto original em francês: “C’est ainsi que, pour des raisons d’«économie sémiotique», l’espion ne pourra pas prendre en considération tous les éléments susceptibles d’être importants car il risquerait alors l’immobilité et l’inaction. Il doit justement décider de ce qui mérite d’attirer son attention et ce qui devra être laissé de côté”.

e da teoria semiótica; tratamos do caráter relativamente geral da experiência negra em sociedades racistas, das estratégias mobilizadas pelo sujeito negro com vistas a dirimir certos efeitos do racismo e abordamos as familiaridades entre sujeitos negros vivendo em sociedades racistas e espões em terras estrangeiras.

A partir das reflexões que desenvolvemos, constatamos que a consciência dual do sujeito negro é a sua capacidade de reconhecer os simulacros que fazem de si tanto intragrupo, ou seja, a partir das ideias da negritude, como intergrupos, isto é, a partir de parâmetros da branquitude. Também chegamos à conclusão de que é essa consciência dual que possibilita ao sujeito negro fazer uma gestão estratégica de suas práticas, antecipando situações ainda não ocorridas e reagindo de maneira a reduzir ou eliminar sanções pragmáticas e cognitivas, embora a existência obrigatória dessa gestão estratégica já represente, ela mesma, uma sanção negativa aplicada sobre o sujeito negro. Com as comparações entre a experiência negra em sociedades racistas e a do espão em terras estrangeiras, ficou destacada a exigência de um estado de alerta em tempo integral e alguns dos possíveis efeitos para o sujeito alerta, os quais incluem o congelamento e a inação desse sujeito.

À guisa de uma conclusão, reforçamos que é preciso atentar-se às características sociais do racismo e à impossibilidade de sua superação por vias individuais. Acreditar no individualismo como o caminho para a superação do racismo é aumentar a carga sobre os ombros desse indivíduo já sobrecarregado, às voltas com a dualidade que se vê obrigado a possuir e lidando com essa espécie de campo de presença dual, sempre correndo o risco de negligenciar sinais importantes ou, preocupado em não os negligenciar jamais, o de cair nas garras da inação, da imobilidade.

## Dual consciousness and the Black subject in a racist society: much observed, great observer

### Abstract

Based on Schwartzmann and Silva (2022), this article situates itself within the broader debates on racism and its effects on the Black subject. It addresses the issue of double consciousness to discuss certain characteristics of the Black experience in a racist society, such as the necessity that Black subjects have of managing different simulacra constructed about them. The reflections are based

on discursive semiotics and they seek to establish a dialogue between the ideas of Du Bois (2021), Fanon (2020), and Aldama (2023).

## Keywords

Racism. Observer. Black People.

## REFERÊNCIAS

ALDAMA, J. A. *La tension politique: pour une sémiotique de la conflictualité*. Paris: L'Harmattan, 2023.

BALDWIN, J. The Negro in American Culture. *CrossCurrents*, Chapel Hill, North Carolina, v. 11, n. 3, p. 205-224, 1961. Disponível em: <https://www.baldwinbibliography.com/uploads/1/0/7/2/107262851/crosscurrents1961.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

COUTINHO, M. de S.; MANCINI, R. Graus de concessão: as dinâmicas do inesperado. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 13-34, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172392>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DICIONÁRIO Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

DU BOIS, W. E. B. *As almas do povo negro*. São Paulo: Editora Veneta, 2021.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

LANDOWSKI, E. Simulacre. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (org.). *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome II. Paris: Hachette, 1986. p. 206.

MARTÍN, M. Os negros levantam a voz. *El País*, São Paulo, 7 mar. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/07/sociedad/1394233077\\_046965.html?](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/07/sociedad/1394233077_046965.html?). Acesso em: 18 set. 2025.

MORAES, L. O que pode o(a) semioticista na era da inteligência artificial? – Semiótica, big data e racismo algorítmico. In: PORTELA, J. C. et al. *Identidade, experiência e discurso: semiótica e crítica da cultura*. Campinas: Pontes, 2024. (v. 1). p. 139-168.

NAOME, L.; KOGA, G.; CASSIANO, L. Jovens negros são agredidos em mercado em Salvador. *CNN*, São Paulo, 7 maio 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/jovens-negros-sao-agredidos-em-mercado-da-rede-carrefour-em-salvador-veja-video/>. Acesso em: 18 set. 2025.



PUÃ, B. Prelúdio para iluminar o Rolê. In: *Do meu coração nu*. Coprodução musical e produção executiva: Zé Manoel. São Paulo: Jóia Moderna Discos, 2020. 1 CD, faixa 6. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HjrMqK-Dd1E>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SCHWARTZMANN, M. N.; SILVA, L. H. O. da. Romper, desviar, desafiar: reflexões por uma semiótica implicada. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. i-viii, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/203773>. Acesso em: 1º set. 2025.

SMITH, W. A.; HUNG, M.; FRANKLIN, J. D. Racial battle fatigue and the mis-education of Black men: racial microaggressions, societal problems, and environmental stress. *The Journal of Negro Education*, Washington, DC, v. 80, p. 63-82, 2011.